

# A LINGUAGEM DO ‘CORPO EXPRESSIVO’ NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INICIANTES

Janaina de Sousa Aragão<sup>1</sup>

Laura Noemi Chaluh<sup>2</sup>

**Resumo:** Esse artigo recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, tem como foco as práticas de contação de histórias no contexto de um curso de formação do qual participam professoras iniciantes que trabalham na Educação Infantil. O curso, ministrado pela primeira autora deste trabalho, objetiva que os professores iniciantes reconheçam o seu corpo como um ‘corpo expressivo’ e produtor de histórias.

## Introdução

*O que eu sou, eu sou em par. Não cheguei aqui sozinho.*

(Lenine, 2015)

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, que objetiva compreender de que modo a contação de histórias contribui na constituição de professores na sua formação artística. A primeira fase da pesquisa está vinculada ao desenvolvimento de um curso de formação continuada intitulado ‘Jogos Teatrais e Contação de Histórias’, coordenado pela primeira autora deste trabalho, e do qual participaram vinte e quatro professores da Etapa I e Etapa II da Educação Infantil da rede municipal de ensino de Rio Claro. Pretendemos deixar em evidência de que forma as propostas desenvolvidas nesse contexto provocam, instigam e sensibilizam a transformação do corpo na hora de contar uma história, despertando a potencialidade singular de cada sujeito, reconhecendo assim o seu corpo como um corpo expressivo, quer dizer, um corpo que vive, experimenta, ousa, inova, provoca, que está presente e produzindo histórias. Nosso grupo esteve constituído por professores experientes com muitos anos de profissão, e contou com a participação de sete professores iniciantes. Como o grupo tivemos um objetivo comum: reconhecer nosso corpo como um corpo expressivo e produtor de histórias.

Trata-se de uma pesquisa de orientação sócio-histórica (FREITAS, 2003) que considera a pesquisa como uma relação entre sujeitos. Para a construção deste trabalho tomamos como material de análise o caderno coletivo do curso no qual ficam registradas impressões singulares dos participantes, escritas por eles no início de cada encontro tematizando questões vinculadas ao encontro anterior e escritas do diário de bordo da coordenadora do curso.

## Encontros

Na busca por possibilitar o reconhecimento dos próprios corpos como corpos expressivos, nos encontros realizamos práticas de jogos teatrais e de contação de histórias. A coordenadora

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Biociências da UNESP/Rio Claro. Professora do IFSP- Câmpus Piracicaba. *E-mail:* [artejana.aragao@gmail.com](mailto:artejana.aragao@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Biociências da UNESP/Rio Claro. Coordenadora do Grupo de Estudos Escola, Formação e Alteridade (GREEFA) vinculado ao GEPLinguagens – Grupo de Estudos e Pesquisas Linguagens Experiência e Formação (CNPq). *E-mail:* [lchaluh@rc.unesp.br](mailto:lchaluh@rc.unesp.br).

do curso e pesquisadora, conta histórias de forma interpretada, com acessórios cênicos, pois acredita que,

Contar histórias não é uma escolha ingênua. É uma maneira de olhar o mundo [...] Quando eu conto uma história que eu amo, estou inteiro nela. [...] Percebe-se claramente quando uma história que a gente está contando não entra só pelos olhos do público. A gente até chega a ver algumas pessoas na platéia, fechando os olhos de emoção, para mandar aquelas palavras direto para o coração- ou para algum lugar secreto dentro delas que ficaram armazenadas por muito tempo. Acredito nos baús que todo mundo tem dentro de si (SISTO, 2001, p. 40-41).

Também acreditamos nos baús e na potencialidade dos encontros, pois estes provocam que os professores se revirem para achar suas chaves, já que estamos sempre em busca das nossas lembranças, aquelas que ficam guardadas em cada um de nós.

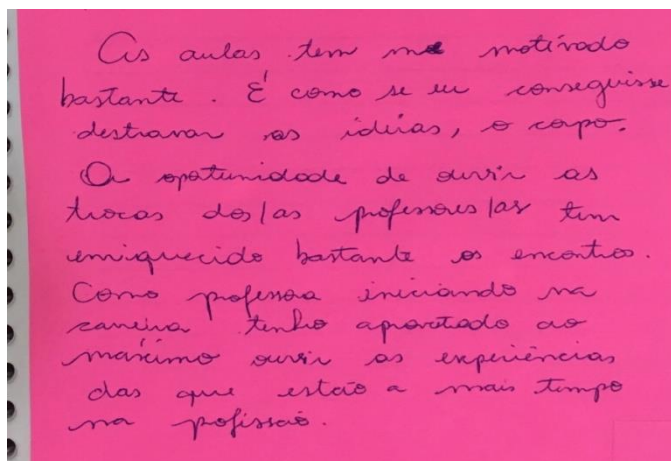
Quando escolhemos trabalhar com contação de histórias pretendemos perceber e provocar nesse acontecimento, diferentes tipos de reflexões, de relações, de transformar os nossos corpos, de discursos, de experiências, de olhares, de autoria.

Acreditamos que os espaços de criação coletiva, de troca de experiências de sala de aula, de experimentações corporais que o curso de formação continuada promove, é uma possibilidade de despertar o entusiasmo para tornar que os professores se enxerguem como sujeitos criativos, donos de um corpo expressivo, pois,

Um corpo que se transforma é um sujeito que se ressignifica; uma descoberta nas habilidades de movimento do corpo é uma redescoberta nas dimensões e qualidades deste corpo na vida; novas possibilidades [...] Um novo ser/estar/se mover no mundo (MACIEL, 2016, p. 10).

É um novo corpo que surge a partir de experimentações, desafios, provocações e também do encontro com o outro. Nesse encontro de muitas vozes e corpos são produzidos diferentes sentidos, sentidos outros: “O corpo não é algo que se basta a si mesmo, necessita do outro, do seu reconhecimento e da sua atividade formadora” (BAKHTIN, 2003, p. 47-48). Porque o corpo que se permite transformar, também é passível de ser transformador. Isto porque quando se vê um colega em cena jogando ou contando história, isso pode gerar em nós motivações para criar coragem e entrar em cena, realizar um jogo, ou apenas se divertir.

Como podemos observar nas escritas de dois professores:



Fotografia 1: Impressões de um professor iniciante no caderno coletivo 10/05/2018 – (Fonte: arquivo pessoal)

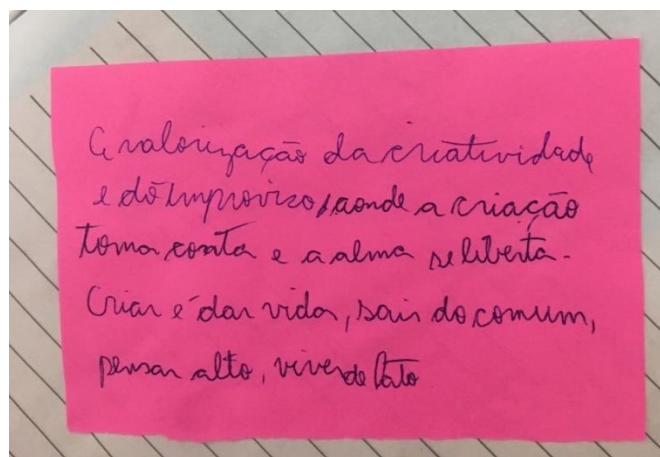
Deste fragmento, destacamos as considerações assinaladas pela professora ao dizer “*destravar as ideias, o corpo...*”. Por que estamos travados? A rotina nos engessa? Nos trava? O que a sensação de destravar potencializa em nós? Qual a potência de destravar ideias e corpos no cotidiano escolar, com os alunos? Poderíamos dizer que destravar as ideias nos liberta para criar, sem ter medo de ser ridículo, sem ter medo de ousar, de brincar.

Concordamos com as considerações de Strazzacappa (2001) quando questiona acerca de como educamos os corpos...

O corpo está em constante desenvolvimento e aprendizado. Possibilitar ou impedir o movimento [...] oferecer ou não oportunidades de exploração e criação com o corpo; despertar ou reprimir o interesse [...] de uma forma ou de outra, estamos educando corpos. Nós somos nosso corpo. Toda educação é educação do corpo (STRAZZACAPPA, 2001, p. 79).

A autora nos inspira a pensar em possibilidades outras em relação aos espaços que oferecemos para a criação corporal.

Abaixo, outro professor legitima a importância da “*valorização da criatividade e do improviso*” como instâncias que possibilitam alargar o nosso ser, já que para ele quando a criação toma conta “*a alma se liberta*”:



Fotografia 2: Impressões de um professor iniciante no caderno coletivo- 21/06/2018 – (Fonte: arquivo pessoal)

Sobre esse sentimento de destravar o corpo e se redescobrir, apresentamos escrita do diário de bordo da coordenadora:

*Eu fiquei olhando aquele corpo dela [uma professora] se expressando daquele jeito e fiquei muito feliz e tão surpresa, pois ela estava bem tímida no início do curso. Perceber um corpo se redescobrendo criativo é muito gratificante [...] E outra surpresa foi à professora Branca de Neve<sup>3</sup> que fez a noiva, seu corpo estava muito solto, muito à vontade em cena. Sua timidez inicial não apareceu. Um novo corpo que surge. (Diário de bordo da coordenadora, 12 de maio de 2018).*

<sup>3</sup> Os nomes dos professores são fictícios.

A coordenadora, acompanhando o processo de transformação dos corpos, da timidez do corpo, até enxergar o corpo solto. Destruir? Libertar? Gostaríamos que todos os participantes do curso percebessem que,

O ritmo ou movimento da sequência narrativa é uma sucessão de diferentes climas, que caracterizam o modo como uma história respira. Viver a história é respirar com ela. Ao dar vida a uma história é deixar-se conduzir pelas sucessivas mudanças em sua respiração. É como se a história tivesse um coração, que bate num pulso, num compasso diferente a cada momento (MACHADO, 2004, p. 55).

Para que possamos talvez viver a história e respirar com ela, para que a mesma nos leve a outras vidas, com outro coração, que pulsa e cria outros espaços expressivos e possíveis.

### **Algumas considerações**

As dinâmicas propostas no curso objetivam que os professores ampliem seu repertório de histórias (contos infantis, fábulas, peças teatrais) e compreendam o espaço da sala de aula como possibilidade de criação coletiva, e fundamentalmente de voltar a perceber seu corpo como um corpo expressivo.

Acreditamos que o curso promove processos formativos que, na sua dimensão artística, promove que os professores sejam motivados a experimentar com seu próprio corpo, fazendo pulsar novas histórias, destravando corpos e ideias.

### **Referências**

BAKHTIN, Mikhail. M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sonia (Org.). *Ciências humanas e pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez: 2003.

MACHADO, Regina. *Acordais: Fundamentos técnico-poéticos da arte de contar Histórias*. São Paulo: DCL, 2004.

MACIEL, Ceila Portilho. Antropoética do corpo e do movimento expressivo: Descolonizações e Derivas por uma Epistemologia Corporificada. In: SEMINÁRIO DRAMA, PERFORMANCES E SUAS ANTROPOLOGIAS, 15., 2016, Goiânia. *Anais...* Goiânia, Goiás, 2016.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Chapecó: Argos, 2001.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. *Cadernos Cedes*, São Paulo, a. XXI, n. 53, p. 69-83, abr. 2001.